



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

Água, cimento e brita: um Maiakóvski de concreto

Water, cement and gravel: a concrete Mayakovsky

Autor: *Rafael Bonavina*
Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil
Edição: RUS, Vol. 14. Nº 24
Publicação: Dezembro de 2023
Recebido em: 30/03/2023
Aceito em: 20/04/2023

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2023.210122>

BONAVINA, *Rafael*.
Água, cimento e brita: um Maiakóvski de concreto.

RUS, São Paulo, v. 14, n. 24, pp. 84-104, 2023.



Água, cimento e brita: um Maiakóvski de concreto

Rafael Bonavina*

Resumo: A partir da discussão ampla das relações culturais entre Brasil e Rússia no século XX, o presente trabalho buscou levantar uma hipótese quanto à inserção tardia da obra de Vladimir Maiakóvski no cerne duro das teorizações do grupo Noigandres, em especial dos irmãos Campos. Para isso, mobilizamos documentos que colaboram com a tentativa de precisar historicamente esse contato e levantamos a hipótese de ele ter ocorrido entre 1958 e 1962, o que é corroborado pela fortuna crítica.

Abstract: Starting with a broad discussion of the cultural relations between Brazil and Russia in the 20th century, this article sought to raise a hypothesis regarding the late introduction of Vladimir Mayakovsky's work in the hard core of Noigandres' theorizations, especially of the Campos brothers. To this end, we compared documents that collaborate with the attempt to pinpoint historically this contact. Finally, we raised the hypothesis that it occurred between 1958 and 1962, which is corroborated by the specialized literature.

Palavras-chave: Poesia concreta; Concretismo; Vladimir Maiakóvski; Século XX; Poesia

Keywords: Concrete poetry; Concretism; Vladimir Mayakovsky; 20th century; Poetry

Os comunistas estão chegando

Já é consenso entre os pesquisadores que a Rússia possui uma importância central para a literatura ocidental. Se restasse alguma dúvida, bastaria checar os rios de tinta dedicados à discussão de Dostoiévski. Mesmo na crítica literária, tanto internacional como na brasileira, importantes teóricos da literatura dedicaram comentários, se não ensaios inteiros, aos autores russos. A importância dessa literatura para o Brasil não se resume a ser objeto da crítica, as obras russas também foram essenciais como influências para as produções literárias brasileiras, como em Nelson Rodrigues que afirmava frequentemente a posição central de Dostoiévski em seu cânone pessoal. Isso, no entanto, não significa que essa interpenetração cultural seja sempre evidente, há casos mais discretos, por exemplo, na crítica literária de Antonio Candido.

Em seu ensaio sobre a literatura brasileira da primeira metade do século XX, Candido nos apresenta que os modernistas da primeira geração, por assim chamar, foram marcados pelas expedições folclóricas, pelas viagens para o interior do Brasil. Para sintetizar o significado desse movimento em direção ao povo, o teórico diz: “Em consequência, manifestou-se uma ‘ida ao povo’, um *V Narod*, por toda parte e também aqui, onde foi o coroamento natural da pesquisa localista, da redefinição cultural desencadeada em 1922”.¹ É interessante notar que não só

* Graduado em Letras, com dupla habilitação em Português e Russo, pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Atualmente desenvolve uma pesquisa de mestrado no Programa de Literatura Brasileira da mesma instituição, pela qual recebe apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2662388651397242> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9669-7708>. E-mail: rafaelbonavina@gmail.com.

1 CANDIDO, Antonio. “Literatura e cultura de 1900 a 1940”. In: CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006, p. 132.

se usa a expressão em russo, mas ele a declina corretamente, isso é, no caso acusativo, como exigiria o verbo de movimento.

Apesar da correção gramatical, isso não significa, é claro, que Candido soubesse falar russo, mas serve de sinal da sua familiaridade com essa cultura. Outro indício seria que a ideia de se aproximar as idas ao povo da intelligentsia russa do XIX com a busca modernista de uma identidade nacional no interior do país é, na nossa opinião, muito acertada. Fazemos uma única ressalva, no entanto, pois nesse primeiro momento, as viagens dos modernistas são mais para ter contato com a arte popular, com os resquícios da história do Brasil, o que diverge do propósito dos populistas russos do final do século, que não pretendiam apenas aprender com as experiências da vida rural, mas, também, levar para o campo os ideais de uma elite intelectualizada. Nesse sentido, talvez a noção de ida ao povo usada por Candido seja mais aplicável à literatura brasileira de meados do século XX, em especial à dos Centros Populares de Cultura, muito criticada por ter subjugado o trabalho estético ao projeto de conscientização da massa popular de sua exploração pelas classes dominantes.

Quanto à literatura russa, há uma inflexão no tom depois da Revolução de 1917. Por um lado, diversos intelectuais conservadores, e mesmo os francamente reacionários, viam a Rússia como o centro irradiador do perigo comunista. É o caso, por exemplo, de Alceu Amoroso Lima, importante crítico literário que, ao final da década de 1920, se converte ao catolicismo e passa a defender os posicionamentos reacionários de sua igreja com unhas e dentes. Em certo sentido, Amoroso Lima contrapõe a sua ideologia ao materialismo, raiz de quase todos os males da modernidade. Para exemplificar essa contraposição, recorreremos à sua carta para Mário de Andrade de 10 de maio de 1928,² em que, o intelectual católico – e herdeiro de uma fábrica têxtil, vale ressaltar – nos apresenta um exemplo bastante claro dessa imagem da URSS.

Nos Estados Unidos, na França, na Alemanha sobretudo, e na Rússia (nem se fala) a ruptura dos laços de pais e filhos

2 ANDRADE, 2018, p. 112.

é claramente um dos caracteres mais típicos da descristianização do Ocidente. Toda civilização cristã assenta sobre a família e visa, socialmente, o bem-estar da família. Toda civilização moderna assenta sobre o indivíduo e o Estado. A família desaparece como elo inútil. A mulher igual ao homem. O casamento simples união sexual. O divórcio livre a qualquer um dos dois cônjuges, por meio de simples aviso a pretoris. Na Rússia o governo começa a tomar providências contra a epidemia de casamentos de um dia. Os filhos criados pelo Estado, como em Sparta.³

Essa argumentação se assenta em diversos declives perigosos, em que se escondem pontos bastante questionáveis. Por exemplo, dentro da ideia de um Estado cuidando da educação das crianças espreitam o divórcio, a libertação sexual, a igualdade de gêneros etc. Todos esses avanços sociais são vistos por essa ideologia como ameaças, trata-se, claramente, de uma perspectiva política extremamente reacionária, avessa a qualquer mudança real na ordem estabelecida. De passagem, esse tipo de argumentação continua atormentando nossos ouvidos até hoje, inclusive com chavões parecidos e esse mesmo tipo de encadeamento lógico bastante questionável. Pondo de lado o posicionamento francamente reacionário expresso nessa carta, seria muito difícil sustentar que a União Soviética realmente estivesse se importando tanto assim com a sexualidade, naquele momento, a ponto de se “tomar providências”, como afirma Amoroso Lima.

Em primeiro lugar, teríamos de considerar os problemas da consolidação do Estado soviético, criado havia menos de uma década, o que provavelmente deveria ser uma das principais preocupações dos chefes de Estado daquele momento. Além disso, em 1925, a recente morte de Lênin mergulha o país em uma série de crises políticas e sociais, que culminam, lamentavelmente, na ascensão de Stalin ao poder. Por causa da acalorada disputa pela presidência do Partido, o governo do georgiano foi profundamente marcado pela perseguição política dos divergentes, criando um verdadeiro massacre dos quadros do partido, do exército e do aparato governamental, conhecido como Grande Expurgo na historiografia ocidental.

3 ANDRADE, 2018, p. 113, grifos nossos.

É seguro afirmar, portanto, que parte significativa dos esforços governamentais ao longo da segunda metade da década de 1920 e toda a década de 30 estariam centrados na paranoica busca por trotskistas, como se chamava qualquer um que discordasse da linha geral do partido, isso é, do stalinismo. Essa vergonhosa perseguição política culminou nos infames Processos de Moscou da segunda metade dos anos 1930 em que o governo soviético fabricou provas e acusações contra revolucionários que colaboraram ativamente com o estabelecimento da URSS. Com a diminuição dos quadros em milhares e milhares de membros e a crescente necessidade de articulação da máquina estatal para perseguir, espionar e reprimir os cidadãos soviéticos, parece-nos bastante seguro afirmar que os “casamentos de um dia” não estavam entre as pautas do dia do Soviete Supremo naquele período.

Se Stalin não perdia noites de sono preocupado com o crescente número de divorciados em seu país, como poderíamos compreender essa afirmação de Amoroso Lima? Ao aglutinarmos os campos semânticos compostos pelo missivista, veremos que há uma clara contraposição da URSS (modernidade, ateísmo, libertação sexual e caos social) à Igreja Católica (tradição, fé, casamento religioso e ordem). A União Soviética surge, então, como um símbolo, um contraponto ao catolicismo e seus “valores tradicionais”, quase como a encarnação do mal a ser combatido pela cruzada dos intelectuais católicos e da direita em geral.

Sobre esse tema, a crônica “Comunismo”,⁴ de Mário de Andrade, serve como interessante testemunho desse fenômeno, e, vale ressaltar, continua bastante atual, apesar de apresentar alguns pontos já datados. A princípio, o modernista defende haver “um movimento em torno da palavra Comunismo que é dum ridículo perfeitamente idiota”,⁵ em que pessoas “até bem alfabetizadas”, diz ele, acreditam que comunismo seria “isso da gente se aproximar dum indivíduo e ir falando: – Me dê sua

4 ANDRADE, Mário de. “Comunismo”. In: ANDRADE, Mário de. *Taxi e crônicas no Diário Nacional*. Estabelecimento do texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopes. São Paulo: Duas Cidades, 1976, pp. 281-283.

5 ANDRADE, 1976, p. 281.

gravata que pretendo ficar com ela”.⁶ Em seguida, o autor de *Macunaíma* passa a falar da imagem negativa da URSS criada por formadores de opinião da direita.

E agora a Rússia entra em cena. O que nos leva ao pavor que temos pelo Comunismo é a identificação deste com a Rússia, por ser esta a primeira e a única nação que o aplicou verbalmente até agora. Antes de mais nada, a verdade verdadeira é que ninguém não sabe direito o que é a Rússia contemporânea nem o que está sucedendo por lá. Uma circunstância fatal do regime político internacional em que estamos vivendo. Os países capitalistas têm feito tudo não só pra ocultar da humanidade a Rússia verdadeira, como inda têm feito tudo pra prejudicá-la até internamente. Por seu lado a Rússia havia de reagir, está claro. Se defende. Os outros lhe exageram as mazelas. Ela sequestra as mazelas que tem.⁷

É preciso fazer uma concessão ao texto de Mário de Andrade, publicado em 1930. Naquela época, o acesso às informações sobre a União Soviética era muito enviesado, como se nota pela referência à queda de braço aludido entre a Rússia e os países capitalistas. Hoje em dia, é claro, temos acesso a estudos mais pormenorizados, revisões mais cuidadosas das informações, enfim, é possível uma leitura mais precisa das circunstâncias daquele país. Ainda assim, os velhos mitos preconceituosos sobre comunistas continuam sendo espalhados, e grande parte da população, vimos nas duas eleições passadas, continua temendo que se lhes tomem as gravatas.

Além dessa crônica, há um interessante fenômeno literário brasileiro dos anos 50-60: os relatos de viagem à URSS. Muitos intelectuais e trabalhadores tiveram essa oportunidade e deixaram seus testemunhos desse contato, objeto da tese de doutorado de Raquel Mundim Torres,⁸ que além de discutir os relatos e as circunstâncias em que eles se deram, também traz

6 ANDRADE, 1976, p. 281.

7 ANDRADE, 1976, p. 282

8 TÔRRES, Raquel Mundim. *Transpondo a Cortina de Ferro: relatos de viagem de brasileiros à União Soviética na Guerra Fria (1951 - 1963)*. 2018. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. www.doi.org/10.11606/T.8.2019.tde-30042019-130741. Acesso em: 2023-03-29.

um importante compilado desses relatos. Alguns deles, como os de Marques Rebelo, Graciliano Ramos, Jorge Amado, poderiam inclusive ser analisados de um ponto de vista da crítica literária, dialogando com as poéticas do autor e os possíveis impactos éticos e estéticos dessa visita à terra dos bolcheviques. Outro ponto a ser levado em consideração em um trabalho desse tipo seria o ambiente cultural daquele momento histórico, muito bem descritas por Heloisa Buarque de Hollanda nas suas *Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde*.⁹

Para concluir, é seguro afirmar que a interface Brasil-União Soviética se revela um ponto profícuo de estudo, justamente por ser uma relação muito próxima, intrínseca. Infelizmente, no entanto, esse plano de contato ainda não foi satisfatoriamente estudado em trabalhos acadêmicos de fôlego, como dissertações e teses, por razões menos ligadas à fertilidade do campo que pela falta de condições para o desenvolvimento de frutos. Em outras palavras, são poucas as universidades que oferecem um ambiente favorável para a formação de um pesquisador apto a lidar com o acesso aos arquivos e obras sem tradução, que compõem parte importante da compreensão das circunstâncias sócio-históricas em que se deram as viagens à URSS, para nos mantermos em nosso exemplo, e como elas poderiam influenciar o contato dos viajantes com a realidade daquele país, ainda que mediado pelos interesses do Partido.

A influência da literatura soviética, é claro, não se limitou a esses interessantes relatos. Pelo contrário, a lista de nomes soviéticos que causaram profundo impacto na cultura brasileira é imensa: Aleksandr Soljenítsyn, Anna Akhmátova, Vassili Grossman e, claro, não poderia faltar o nome de Vladimir Maiakóvski, amplamente traduzido e lido no Ocidente. No Brasil, ele é um dos principais nomes para a russística, a julgar pelo número de pesquisadores que se dedicaram ao seu estudo. Além do prazer criado pelo contato com o diferente, que a vanguarda é capaz de proporcionar, a obra de Maiakóvski pode ser compreendida como uma síntese rara da estética inovadora com a integridade ética de um agitador cultural

⁹ HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde: 1960/1970*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

que viu a Revolução de Outubro acontecer, e a consolidação do Estado soviético. Apesar de seu engajamento político, é claro, sua adesão ao ideário revolucionário não estava condicionada à submissão ao Partido e suas diretrizes para a arte. Para Maiakóvski, não seria possível pensar em uma arte revolucionária sem a revolução na própria forma literária, nessa perspectiva, o realismo socialista imposto pelo Partido seria um retrocesso formal e, conseqüentemente, contrarrevolucionário. A firmeza nas suas convicções, em especial sua arte de vanguarda, o levou pouco a pouco ao ostracismo, a condições de vida insuportáveis, de acordo com certa historiografia; e, por fim, à morte em 1930.

Se nos distanciarmos um pouco geográfica e temporalmente de Maiakóvski, até chegarmos ao Brasil de 1961, poderemos encontrar essa mesma concepção de uma arte revolucionária estar condicionada à forma inovadora, no post-scriptum ao *Plano-piloto da poesia concreta*, manifesto assinado pelos irmãos Campos e Décio Pignatari. E, afinal, *como* ela chegou ali?

O bumerangue que não volta

Segundo Paulo Franchetti, em sua dissertação de mestrado,¹⁰ o desenvolvimento das reflexões no campo da teoria literária do grupo Noigandres pode ser dividido em três fases. A primeira delas (1955-1956) é o momento de constituição do projeto poético. Em um segundo momento (1956-1958), em que o projeto já estava consolidado, o grupo passa a defender e justificar teoricamente a proposta estética. Por fim, na terceira fase (1958-1962), o coletivo perde sua coesão, e os membros começam a se distanciar.

Na primeira fase, como veremos, quase não há menções às vanguardas russas, exceto de passagem, dentro do abrangente conceito “futurismo”. Vale ressaltar que essas menções, em geral, não são feitas em tom de louvor, muito pelo contrário.

10 FRANCHETTI, Paulo. Alguns aspectos da teoria da poesia concreta. Campinas: UNICAMP, 1992.

Como bem aponta Franchetti,¹¹ ao tentar traçar sua árvore genealógica, Augusto de Campos desvaloriza a contribuição de outras vertentes de vanguarda – como o futurismo e o dadaísmo, dos quais mal fala em seus textos teóricos – a fim de inflar a importância das suas influências literárias: Mallarmé, Marinetti,¹² Joyce, Cummings.

Essa linhagem, tão restrita, mantém-se firme ao longo das décadas contempladas pela *Teoria da poesia concreta*¹³ com duas exceções que repercutem amplamente nos ensaios dos concretistas: a primeira seria Ezra Pound, cujos *Cantos* logo são incorporados a esse cânone do grupo Noigandres. Por conta das restrições e do necessário recorte para que possamos ao menos apresentar o problema, não nos deteremos no caso do autor estadunidense, pois seria uma discussão bastante diferente, que precisaria levar em conta, inclusive, o contato com os ideogramas e a literatura chinesa. A outra é Vladimir Maia-kóvski, nosso objeto central.

Para o presente estudo, como dissemos, tentaremos levantar hipóteses sobre as razões que levaram os irmãos Campos à obra de Maiakóvski, mas, antes, é preciso traçar um breve panorama histórico de como se deu esse contato. Começaremos, então, por um dos marcos mais facilmente reconhecíveis, ou seja, a famosa *Antologia de poesia russa moderna*,¹⁴ publicada entre 1967-1968, com algumas reedições ao longo dos anos. Evidentemente o contato desses dois poetas com o universo russo não poderia ter começado ali, afinal a tradução precede sua publicação. Não discutiremos a qualidade das traduções, nem o grau de influência que a poética concretista teve sobre elas, pois isso careceria de uma pesquisa diferente da proposta aqui. Neste, basta ressaltar que a nota dos tradutores¹⁵ indi-

11 FRANCHETTI, 1992, pp. 31-32.

12 Vale ressaltar que, apesar da importância menor dada ao futurismo como um todo, o nome central do futurismo italiano é colocado como um dos antecessores do concretismo.

13 CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de; PIGNATARI, Décio. *Teoria da poesia concreta*. São Paulo: Duas Cidades, 1975.

14 CAMPOS, Augusto; CAMPOS, Haroldo; SCHNAIDERMAN, Boris. *Antologia da poesia russa moderna*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

15 CAMPOS; CAMPOS; SCHNAIDERMAN, 1968, p. 19.

ca a íntima proximidade dos irmãos Campos com a linguagem original e as propostas estéticas das vanguardas russas, ratificada pela participação de Boris Schnaiderman, nome central para a russística brasileira. A partir disso, poderíamos considerar que Maiakóvski era um autor conhecido de Augusto e Haroldo a partir da segunda metade da década de 60.

Embora acreditemos que as leituras das vanguardas russas não se encerram nesse momento, para o presente trabalho consideramos esse nossa linha de chegada, o ponto em que é seguro afirmar contato com a linguagem original. Contudo ainda é necessário delimitar a largada desse nosso percurso, e um dos principais indícios só veio à luz recentemente, em 2018, quando Augusto de Campos publicou suas memórias sobre o patrono do curso de russo na FFLCH-USP.¹⁶ Segundo esse relato, os irmãos Campos foram alunos de Schnaiderman entre 1962-1964, quando a ditadura militar teria impedido a continuação do curso livre por temer o ensino desse idioma. Além dessa constatação de que, passadas décadas da carta de Amoroso Lima, a russística brasileira continua sendo obstaculizada pelo medo do comunismo, Augusto de Campos explica a razão de ele e seu irmão buscarem o curso de russo naquele momento:

Quería, como Haroldo, traduzir Maiakóvski. Lê-lo no original, e não através das aguadas versões que por aqui circulavam, regurgitadas de traduções literais em castelhano, que o transformavam em orador de palanque.¹⁷

Pelo relato do poeta concretista, o intuito dos escritores era traduzir Maiakóvski, que, portanto, eles já conheciam, mas consideravam as traduções de baixa qualidade. Por isso, podemos afirmar que o futurista russo já teria sido lido, ao menos em parte, pelos irmãos Campos. Felizmente temos mais alguns documentos que podem nos ajudar em nossa empreitada.

O primeiro deles é, talvez, o mais significativo manifesto publicado por Augusto, Haroldo e Décio Pignatari, o *Plano-pilo-*

16 CAMPOS, A. de. Boris e o curso livre de russo. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, v. 23, n. 26, p. 94-96, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/148511>. Acesso em: 13 mar. 2023.

17 CAMPOS, 2018, p. 94.

to para a *Poesia Concreta*,¹⁸ de 1958. Embora seja apresentado como um texto novo, criado para expor as diretrizes do que seria um poema concreto, Paulo Franchetti ressalta que ele não seria totalmente inédito.

O plano-piloto é, na verdade, um conjunto de frases que já haviam pertencido a artigos dos três membros do grupo Noigandres: “poesia concreta: produto da evolução crítica de formas”, que é a frase com que ele se abre, é de ‘Da fenomenologia da composição à matemática da composição’, que Haroldo de Campos publicou em 57; “poesia concreta: tensão de palavras-cousas no espaço-tempo” é do manifesto de Augusto de Campos, publicado em 1956; “a poesia concreta visa ao mínimo múltiplo comum” é de ‘A moeda concreta da fala’, e assim outras frases.¹⁹

Em outras palavras, o *Plano-piloto* poderia ser compreendido como uma colcha de retalhos que representa e sintetiza as considerações sobre a própria poesia concreta. Essa particularidade na produção do texto nos indica que, até 1958, os três poetas concretistas não tinham colocado Maiakóvski em seu paideuma literário. Contudo, ainda segundo Franchetti, a edição preservada na Biblioteca Municipal de São Paulo traz uma anotação em caneta azul, que passou a ser incorporada nas reedições posteriores desse manifesto: “Post-scriptum 1961: ‘sem forma revolucionária, não há arte revolucionária’ (maiakóvski)”.²⁰

Antes de seguirmos adiante com nossas considerações sobre o possível contato com o futurismo russo, agora temos um elemento importante para amarrar uma ponta solta, deixada no começo da discussão. Apesar de a versão consultada ser de 1975, muito posterior à publicação da *Antologia da poesia russa moderna*, a *Teoria da poesia concreta* nos apresentou uma transliteração bastante específica. Chama a atenção que se use “ia” para substituir “я”, não o “ja” alemão ou o “ya” anglófono, mas o “ia” muito comum em línguas em que a letra jota tem um som próprio, ainda que sejam diferentes entre si. Outra le-

18 CAMPOS; CAMPOS; PIGNATARI, 1975, pp. 156-158.

19 FRANCHETTI, 1992, p. 71.

20 CAMPOS; CAMPOS; PIGNATARI, 1975, p. 158.

tra que nos chama a atenção é o uso de “c” para transliterar “κ”, que nos servirá de indício para levantar uma hipótese quanto ao caminho percorrido pelos concretistas até o vanguardista russo. Vale ressaltar que, em 1968, quando os irmãos Campos publicaram a *Antologia da poesia russa moderna* junto com Bóris Schnaiderman, essa transliteração é abandonada e opta-se pela versão mais comum hoje em dia: Maiakóvski.²¹ Provavelmente isso se deu por causa da participação do professor de língua russa, que dedicou muitos esforços à padronização da transliteração do russo para o português.

Além disso, em seu depoimento sobre Boris Schnaiderman de 2018, Augusto de Campos afirma que sua intenção em estudar russo era sua rejeição das traduções espanholas que, segundo ele, tornavam o vanguardista em poeta de palanque. Retomamos essa informação, pois ela nos sugere um possível caminho para esse primeiro contato, anterior ao estudo da língua russa, teria se dado pelas traduções castelhanas, o que é corroborado pela transliteração utilizada em 1961. Temos, então, um possível idioma intermediário, resta saber qual poderia ter sido a edição consultada.

Segundo vimos, então, a tradução consultada pelos irmãos Campos precisaria: 1) estar em espanhol; 2) transliterar o nome do poeta de uma maneira específica (Maiacovski); 3) ter sido publicada antes da década de 1960. Como por um golpe de sorte, e contrariando as expectativas, há um registro documental de uma edição que se encaixa confortavelmente nessas condições.

Para isso, remetemos a dois artigos publicados em 1943 por Antonio Candido,²² um deles sob o pseudônimo Fabrício Antunes, nos quais o renomado teórico da literatura discute uma nova antologia de poemas russos publicada naquele ano em Buenos Aires, composta de traduções de Lila Guerrero.²³ No texto em que assina com seu próprio nome, Candido

21 CAMPOS; CAMPOS; SCHNAIDERMAN, 1968, pp. 145-182.

22 Gostaríamos de aproveitar a oportunidade para agradecer ao colega pela reunião, transcrição e disponibilização desses dois textos, bem como a capa do original de Guerrero, no site: <https://medium.com/literaturarussa/dois-artigos-de-antonio-candido-sobre-maiak%C3%B3vski-5ef0e0000b85>.

23 MAIACÓVSKI, Vladimir. *Antologia de Maiacóvski: su vida y su obra*. Tradução de Lila

comenta alguns problemas na historiografia da literatura russa defendida por Guerrero. A título de exemplo, Candido afirma que a tradutora

Parece ignorar a distinção, elementar para quem conhece um pouco que seja de literatura russa, entre os ego-futuristas da então Petrogrado e os cubo-futuristas de Moscou. Se juntarmos a isso um certo mau gosto de expressão e uma notória superficialidade no tratamento das questões de poesia, teremos a noção de quanto é limitado o valor desta parte da obra.

Nota-se que as críticas feitas por Candido, como dissemos, atêm-se ao campo da teoria literária, mas salta aos olhos o íntimo contato que o crítico literário brasileiro tinha com a poesia de Maiakóvski. Além disso, em se tratando de um artigo de jornal, é bem possível supor que seus leitores também conheçam, provavelmente em menor grau, o autor discutido; do contrário, a nova tradução não seria tão interessante para um jornal de grande circulação.

Já no texto assinado como Fabrício Antunes, publicado na revista *Clima*, as considerações são um pouco mais assertivas, principalmente ao tecer críticas à sua outra resenha e em relação à tradução. Apesar da grafia usada por Candido ao longo de seus artigos ser Maiakóvski, a edição referida trazia na capa a transliteração praticamente idêntica à encontrada no *Plano-piloto*: Vladimir Maiacovski, excetuando-se o acento agudo presente na versão dos concretistas.

Aqui é preciso fazer uma ressalva. Os anos de 1957-1958 parecem ser, de fato, o primeiro ponto em que, ainda timidamente, o nome de Maiakóvski aparece em *Teoria da poesia concreta*. Como apontou Franchetti, até os anos 60 o tom geral é bastante harmônico e há uma coesão muito grande entre os membros do grupo Noigandres, além disso o paideuma dos concretistas é sabidamente bastante restrito. Para não nos determos na repetição exaustiva, optaremos pelo ensaio “Poesia Concreta”, publicado originalmente por Augusto de Campos em 1957, como exemplo da exposição da linhagem traçada pelos próprios poetas.

Guerrero. Buenos Aires: Editorial Claridad, 1943.

mallarmé (*um coup de dés* – 1897), joyce (*finnegans wake*), pound (*cantos* – ideograma), cummings e, num segundo plano, apollinaire (*calligrammes*) e as tentativas experimentais futuristas-dadaístas estão na raiz do novo procedimento poético, que tende a impor-se à organização convencional cuja unidade formal é o verso (livre inclusive)²⁴

Mallarmé, Joyce, Cummings e, menos, Apollinaire; nomes que são repetidos à exaustão nos ensaios de *Teoria da poesia concreta*. Em geral, esse núcleo duro aparece ladeado por algum outro intelectual de peso, que aparece muitas vezes como um reforço de autoridade. Não raro essas sobreposições acabam sendo desarticuladas, se não contraditórias, rendendo-lhes, não sem razão, a crítica contundente de Schwarz, que aponta as “construções das mais discutíveis, apesar do enxame de autoridades citadas”.²⁵

Haroldo de Campos, no entanto, parece destoar dos demais, como se nota em seu “Evolução das formas: poesia concreta”, também de 1957. Nesse texto, Haroldo traz uma série de menções à cultura russa, em especial os críticos comumente denominados formalistas, e ele chega a citar Viktor Chklóvski e Viktor Jirmúnski; escritores russos, como Lev Tolstói, Velimir Khlébnikov; e até mesmo os poemas de Vassili Kandinski. A partir desse primeiro contato, os textos de Haroldo começam a polvilhar teóricos e poetas russos, em especial Viktor Chklóvski e Vladimir Maiakóvski.

No ano seguinte, Haroldo de Campos publica seu “Poesia concreta - Linguagem - Comunicação”, um ensaio em que já se percebe uma tímida introdução da obra do futurista russo. Nesse texto, vale ressaltar, encontra-se uma nota de rodapé em que Haroldo de Campos cita uma tradução francesa de *Eu mesmo*; e o nome do autor é grafado exatamente da mesma maneira: Maiacóvski.²⁶ No entanto, essa primeira menção a esse poeta não reverbera profundamente nos demais textos publicados nessa época pelos demais concretistas, nem mesmo possui grande influência nos outros textos desse ano reunidos em *Teoria da poesia concreta*.

24 CAMPOS, Augusto. “Poesia concreta”. In: CAMPOS; CAMPOS; PIGNATARI, 1975, p. 44.

25 SCHWARZ, 2008, p. 63.

26 CAMPOS; CAMPOS; PIGNATARI, 1975, p. 84

Ao contrário do que ocorre nesse primeiro momento, a década de 60 insere profundamente o poeta russo no arcabouço teórico dos concretistas. Por exemplo, em 1962, Haroldo de Campos publica seu ensaio “A poesia concreta e a realidade nacional”, no qual reitera e aprofunda a citação encontrada no plano-piloto.

Maiakóvski escrevia em 1922 (correspondência trazida à luz com a publicação de um volume de inéditos do poeta pela Academia de Ciências de Moscou, em 1958): “sem forma revolucionária não há arte revolucionária”.²⁷

Se, por um lado, o concretista paulistano demonstra ter mais contato com o futurista russo nesse ensaio de 62, chegando a citar ensaios menos conhecidos do autor; por outro, nota-se que a transliteração do nome foi modificada, seguindo, agora, o padrão utilizado por Bóris Schnaiderman, como se nota pela letra K e o acento na sílaba tônica. Essa mudança nos permite supor que, de fato, o contato direto dos irmãos Campos com a obra de Maiakóvski teria ocorrido entre 1961 e 1962. Retomando as memórias de Augusto, também é lícito depreender que a falta de qualidade da tradução de Guerrero, apontada tanto por Augusto de Campos quanto por Candido nos ensaios já citados, acabou sendo a razão de os irmãos Campos irem à sala de aula de Bóris Schnaiderman.

Haroldo de Campos, ainda no ensaio de 62, nos dá um indício para esse impacto maior da edição argentina,²⁸ apesar das muitas críticas, na seguinte passagem:

E assim num circuito reversível. Parecerá então exato, por mais de uma perspectiva, filiar a técnica elocutória espacial de Maiakóvski (como o fez Lila Guerrero, no prefácio às *Obras Escogidas* do poeta) à linhagem do *Lance de Dados*.²⁹

Como vimos, segundo Franchetti, o estabelecimento de uma hereditariedade estética foi uma das principais preocupações do modernismo em sua primeira fase, e isso se deu com um

27 CAMPOS, 1979, p. 30.

28 É preciso fazer uma ressalva. Dada a dificuldade de acesso a essa edição rara, não pudemos verificar o grau de veracidade da leitura de Campos. Contudo, vale ressaltar, para este trabalho basta-nos a interpretação de Campos, ainda que seja enviesada.

29 CAMPOS, 1979, p. 31.

núcleo duro, pouco afeito a modificações. Esse excerto nos traz uma possível explicação para a introdução tardia de Maiakóvski: Lila Guerrero aproxima “a técnica elocutória espacial de Maiakóvski” de Mallarmé. Dessa forma, aparece um novo galho na árvore genealógica dos concretistas. E em boa hora.

A crise política de meados do Novecentos não deixa de se refletir no campo das artes. Como indica Heloísa Buarque de Hollanda em seu estudo *Cultura e participação nos anos 60*, a década do infame golpe militar, traz uma nova atribuição para os intelectuais, que passam a desempenhar, “ainda que de forma não homogênea, um papel de ‘foco de resistência’ à implantação do projeto representado pelo movimento militar”.³⁰ O engajamento político não era só esperado ou incentivado, mas por vezes chegava a ser cobrado, o que se manifestava também por críticas contundentes quanto ao alienamento dos intelectuais de gabinete. No campo literário, podemos tomar a produção dos Centros Populares de Cultura como uma espécie de modelo que correspondeu à expectativa de engajamento, ainda que a qualidade estética deixasse bastante a desejar em alguns casos. Nesse sentido, é muito significativa a ruptura de Ferreira Gullar com o grupo Noigandres para, pouco depois, juntar-se à estética cepecista. Nesse momento, Gullar produz um conjunto de cordeis engajados, como *João Boa-Morte, cabra marcado para morrer*, nos quais o poeta retornaria ao verso mais tradicional. Se, por um lado, nota-se a tentativa de introduzir a questão da educação política nas formas populares, por outro, o tom didático e infantilizado dos cordeis parece subestimar seus ouvintes.

No campo da poesia concreta, esta parecia ir na contramão da exigência de engajamento político, pois suas propostas cada vez mais experimentais borraram os limites entre as artes, mas se afastaram da comunicação com a massa de leitores; mesmo os textos teóricos, que pretendiam explicar o projeto concretista, são herméticos, propositalmente lacunares, pouco claros em suas formulações. É claro que esse descolamento do povo se tornou um dos pontos mais criticados

30 HOLLANDA, Heloísa Buarque de; GONÇALVES, Marcos Augusto. *Cultura e Participação nos Anos 60*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 21.

da poesia concreta naquela época. No entanto, esse não foi o único problema levantado pelos críticos; dado o nosso espaço reduzido, traremos apenas um exemplo encontrado na antologia *Brasil: tempos modernos*, organizada por Celso Furtado e publicada em 1968.

O famoso ensaio “Dialética da literatura brasileira”, de Otto Maria Carpeaux,³¹ discute a relação intrínseca entre política e literatura nos países da América Latina e, de passagem, faz uma crítica pungente ao projeto concretista de se criar uma poesia para ser exportada. Para isso, ele aproveita as críticas feitas ao regionalismo provinciano, aquele inócuo ao *status quo*, que não questiona a estrutura social e política do Brasil, para afirmar o caráter comportado, do ponto de vista político, do concretismo.

[O regionalismo provinciano] Já contaminou o romance nordestino, acelerando-lhe a agonia. Também foi capaz de contaminar o próprio vanguardismo. Ouvimos um representante de poesia concreta proclamar que seria preciso criar no Brasil uma “poesia capaz de ser exportada”. Sonha em estender à literatura o regime que condena o Brasil a continuar sendo um País exportador de matérias-primas. Este suposto nacionalismo é, na verdade colonialismo.³²

Não se trata, para Carpeaux, de uma poesia leviana ou desengajada, mas de um projeto poético que traz para a literatura o colonialismo que a intelectualidade progressista brasileira combate há séculos. Seria necessário, portanto, engajar-se não para aderir a essa ou aquela estética imposta por um grupo ou outro, mas para participar da busca por melhores condições de vida para o povo, uma luta por libertação do colonialismo e da herança escravocrata do país.

De um ponto de vista mais colado à crítica literária, ainda que não tenhamos fugido dela até aqui, talvez o maior problema seja a concepção individualista que fundamenta o projeto poético do concretismo, que é descrito por Roberto Schwarz em sua análise do poema “Pós tudo”. Para ele os concretistas

31 CARPEAUX, Otto Maria. “Dialética da literatura brasileira”. In: FURTADO, Celso. *Brasil: tempos modernos*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968, pp. 157-168.

32 CARPEAUX, 1968, p. 164.

estariam “sempre empenhados em armar a história da literatura brasileira e ocidental de modo a culminar na obra deles mesmos, o que instala a confusão entre teoria e autopropaganda, além de ser uma bobagem provinciana”.³³ Como vimos de passagem, o grupo Noigandres pretende escrever uma genealogia literária, baseada em uma historiografia de obras desprovidas de suas particularidades histórico-sociais, unidas apenas pela preocupação com a inovação formal. A partir dessa perspectiva o grupo Noigandres cria um continuum que, claro, culmina no seu próprio movimento, apresentado como o ponto mais avançado da literatura. Essa perspectiva centrada no indivíduo apontada por Schwarz complementa as críticas de Carpeaux, posto que a exportação da poesia concreta beneficiaria mais os poetas que o país como um todo, ao contrário do que o ideário concretista daria a entender. Pelo contrário, o Brasil continuaria na posição de país na periferia do capitalismo, ainda que exportasse um movimento literário, ou que o indivíduo declarasse: “Acabou-se a defasagem cultural de uma ou mais décadas”.³⁴ Já os indivíduos poderiam ganhar, e muito, com seu reconhecimento internacional.

Ao longo da década de 60, começa a crescer o abismo entre o discurso triunfal do concretismo e a falta de continuidade da estética concretista, o que se nota pela falta de adesão de novos escritores; o abandono dos simpatizantes, como Ferreira Gullar; e mesmo os três grandes nomes Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari acabam tomando novos rumos em suas obras. É nesse cenário que o grupo Noigandres decide inserir Maiakóvski no seu ideário, o que pode ser lido como uma resposta à crescente crítica de ser a poesia concreta uma arte alienada. Isso explica, em grande parte, a inserção da frase, escolhida a dedo: “sem forma revolucionária, não há arte revolucionária”. Em outras palavras, os concretistas parecem querer dizer que a poesia concretista não precisaria mudar para ser engajada, posto que ela busca a revolução formal e, portanto, sua produção já seria engajada politicamente. O

33 SCHWARZ, 2008, p. 61.

34 CAMPOS, 1979, p. 29.

problema seria que a crítica literária brasileira não reconheceria, segundo essa opinião, essa forma de engajamento como válida, provavelmente por não a compreender. Caberia, então, aos poetas a função de explicar seu projeto aos críticos. Para isso, lançaram mão do procedimento recorrente no concretismo: o uso do argumento de autoridade. E quem seria mais indicado para falar de engajamento político que Maiakóvski, o Poeta da Revolução?

Para concluir, a anotação à caneta de uma frase desarticulada do restante do texto no pé se configura como ato simbólico da relação do concretismo com o engajamento político exigido nos anos 60-70. O engajamento não era uma preocupação a princípio, daí as críticas, mas, depois delas, ele sempre esteve ali, encoberto. Esse engajamento político apenas anunciado tem várias decorrências, mas aqui só ressaltaremos duas. A primeira é que a Poesia concreta caminhava na contramão da arte dessa época, preocupada em abarcar e mobilizar o maior número de leitores possíveis.³⁵ A busca radical pela inovação formal tornava a poesia concreta cada vez mais experimental e, portanto, restringia seus leitores a grupos cada vez menores, o que ia na contramão da produção dessa época, preocupada em abarcar e mobilizar o maior número de leitores possível. A segunda decorrência é que a falta de conexão com as condições sócio-históricas de produção, implícita na historiografia defendida pelo grupo Noigandres, fizeram com que as críticas sociais perdessem sua potência, se comparadas a outras obras da época, atacando questões bastante vagas, como “Luxo / Lixo”, de Augusto de Campos (1965).

Dessa forma, e para concluir, podemos afirmar que o engajamento literário da poesia concreta, sintetizado aqui na introdução tardia de Maiakóvski no ideário concretista, não foi injustificado pela crítica literária que não o teria compreendido. Pelo contrário, como vimos no par de ensaios sobre a tradução

35 Apesar de não termos espaço aqui, o ponto central para essa discussão seria, na nossa perspectiva, a contraposição da literatura cepecista à poesia concreta. O ensaio “A poesia concreta e a realidade nacional” é, em grande parte, dedicado a explorar essa oposição e, claro, ao desmerecimento de todos que não seguem a cartilha concretista, tidos como nacionalistas ingênuos por Haroldo de Campos.

de Lila Guerrero, Antonio Candido tinha muito conhecimento a respeito da poética do futurista russo. No entanto, a maneira pela qual o grupo Noigandres tentou se engajar politicamente não correspondeu às demandas daquele momento histórico, e isso o tirou do centro para uma posição de menor destaque no debate literário da segunda metade do século XX.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Mário de. *Taxi e crônicas no Diário Nacional*. Estabelecimento do texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopes. São Paulo: Duas Cidades, 1976.
- CAMPOS, Augusto de. Boris e o curso livre de russo. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, v. 23, n. 26, p. 94-96, 2018. DOI: 10.11606/issn.2237-1184.v0i26p94-96. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/148511>. Acesso em: 13 mar. 2023.
- CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de; PIGNATARI, Décio. *Teoria da poesia concreta*. São Paulo: Duas Cidades, 1975, pp. 49-55.
- CAMPOS, Augusto; CAMPOS, Haroldo; SCHNAIDERMAN, Boris. *Antologia da poesia russa moderna*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- CAMPOS, Haroldo de. "A poesia concreta e a realidade nacional". *Arte em Revista*, São Paulo, v. 1, n. 1, pp. 27-32, jan./mar. 1979.
- CANDIDO, Antonio. "Literatura e cultura de 1900 a 1940". In: CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- DARMAROS, Marina Fonseca. *Caso Jorge Amado: o poder soviético e a publicação de Gabriela, Cravo e Canela*. 2020. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura Russa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8155/tde-28022020-150719/pt-br.php>. Acesso em: 2023-03-13.

FRANCHETTI, Paulo. *Alguns aspectos da teoria da poesia concreta*. Campinas: UNICAMP, 1992.

GOMIDE, Bruno. *Da estepe à caatinga: o romance russo no Brasil (1887-1936)*. São Paulo: EDUSP, 2011.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde: 1960/1970*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de; GONÇALVES, Marcos Augusto. *Cultura e Participação nos Anos 60*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MARINS, César. *Dois artigos de Antonio Candido sobre Maikóvski*. 2021. Disponível em: <https://medium.com/literaturarussa/dois-artigos-de-antonio-candido-sobre-maiak%C3%B3vski-5ef0e0000b85>. Acesso em: 13 mar. 2023.

SCHWARZ, Roberto. *O pai de família e outros estudos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

TÔRRES, Raquel Mundim. *Transpondo a Cortina de Ferro: relatos de viagem de brasileiros à União Soviética na Guerra Fria (1951 - 1963)*. 2018. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. www.doi.org/10.11606/T.8.2019.tde-30042019-130741. Acesso em: 2023-03-29.